


<b>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO</b>		 <b>PUC</b> RIO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA		
<b>FIL 1807-1CA</b>	<b>FILOSOFIA DA ARTE</b>	
<b>PERÍODO-2023.2</b>	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 HORAS</b> (das quais 20h de caráter extensionista)	<b>CRÉDITOS: 4</b>
<b>Horário:</b> Terças e quintas 7h-9h	<b>Prof<sup>ª</sup>:</b> Clara Castro	

<b>OBJETIVOS</b>	<p>O objetivo do curso é desenvolver uma reflexão sobre a arte a partir de dados concretos da experiência, como os sentimentos do sujeito contemplador da arte, o fazer cotidiano do artista e os próprios objetos de arte. Sendo um curso com 20h de caráter extensionista, a reflexão proposta se valerá de uma troca de saber com a sociedade, através de visitas a museus/galerias, conversas com estudantes do CIEP Ayrton Senna, na Rocinha, com curadores e com artistas. O cumprimento, portanto, da carga horária extensionista (20h) se dará fora do campus.</p>
<b>EMENTA</b>	<p>Estudo das reflexões que a filosofia, ao longo da sua história e até hoje, ofereceu sobre o que é a arte. Disciplina com 20h de caráter extensionista.</p>
<b>PROGRAMA</b>	<p>Impulsionadas pelo empirismo, as reflexões estéticas de Hume, Burke e Diderot marcam um momento, na Modernidade, em que se desejou desvencilhar a investigação filosófica sobre as artes da metafísica tradicional. O verbete “Metafísica” (1765) da <i>Enciclopédia</i>, atribuído a Diderot, rejeita considerações abstratas sobre tempo, espaço, matéria e espírito, reivindicando a metafísica enquanto explicação teórica de operações concretas, como a prática de um pintor, de um poeta ou de um músico: trata-se, pois, da “ciência das razões das coisas”. E “coisas”, aqui, são dados da experiência, como as sensações do contemplador da arte, a prática do artista ou a obra de arte.</p> <p>Nessa empreitada para trazer a reflexão estética à experiência, fazendo a prática anteceder a teoria, tudo começa nas impressões subjetivas do contemplador. No ensaio “O Cético” (1742) de Hume, a beleza e a deformidade são entendidas como sentimentos de prazer ou de dor que dependem da estrutura da mente do sujeito, de seus órgãos internos, de sua experiência. A beleza e a deformidade não são, portanto, qualidades dos objetos. Além do prazer e da dor, há ainda um terceiro sentimento, descrito por Hume no ensaio “Da tragédia” (1757): uma tristeza convertida em deleite. É Burke que, na <i>Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo</i> (1757), delimita melhor esse estranho sentimento. Em seu esforço de detalhamento do belo e do sublime, Burke rejeita o ceticismo, discernindo as propriedades dos objetos que causam os sentimentos estéticos.</p> <p>Ora, pouco tempo antes da publicação da <i>Investigação</i> de Burke, ainda em 1757, Hume admite a existência das qualidades da beleza e da deformidade nos objetos de arte no ensaio “O padrão do gosto”. Tal afirmação se dá mediante um processo de indução: sentimentos comuns de prazer relacionados a uma mesma obra, ao longo do tempo e em várias nações, levam à conclusão geral de que a obra é bela.</p> <p>Se, para Hume, obras reconhecidas como belas ao longo do tempo e em várias nações tornam-se modelos por excelência, proporcionando um padrão ao gosto, para Diderot, são os artistas que devem, através de uma observação contínua dos fenômenos, criar seus próprios modelos. Com um trabalho cotidiano de idas a exposições, espetáculos e ateliês, Diderot reflete livremente sobre o fazer concreto dos artistas nos <i>Ensaio sobre a pintura</i> (1766), rejeitando conceitos e regras <i>a priori</i>.</p> <p>As investigações de Hume, Burke e Diderot partem do pressuposto de que a obra de arte imita alguma coisa. Após a invenção da fotografia no século XIX e à medida que artefatos, como a <i>Caixa Brillo</i> de Andy Warhol no século XX, aparecem nas exposições, uma nova</p>

	<p>problemática surge: o que distingue uma obra de arte visualmente indiscernível de um pacote de palha de aço vendido no mercado? De 1964, quando descobriu as <i>Caixas Brillo</i> de Warhol, a 2013, quando publicou seu último livro, <i>O que é a arte</i>, Danto busca uma definição para a obra de arte que prescindia da imitação. Ainda que dois séculos distanciem os empiristas modernos de Warhol, eles certamente concordariam quanto a fazer das coisas banais objetos da metafísica. Para Danto, a obra de arte se define por um significado incorporado ao objeto material e comunicado: ela não está, portanto, nas qualidades visíveis, mas sim nas relações do objeto com elementos sociais e históricos.</p> <p>O curso está apoiado neste percurso teórico e organizado em duas partes com objetivos práticos. Na primeira parte, pretende-se examinar os sentimentos individuais dos estudantes da turma em suas próprias contemplações artísticas para, em seguida, generalizar esses sentimentos em busca de padrões. Na segunda parte, o enfoque do curso sairá do sujeito contemplador para se concentrar na arte propriamente dita. De um lado, discutiremos o fazer do artista, as razões por trás de seu trabalho com a arte e seus modelos; de outro, refletiremos como diferenciar um objeto de arte de um mero artefato. A ideia é utilizar a prática para incitar a especulação e a especulação para explicar a prática.</p> <p><b>Primeira parte: o sujeito contemplador da arte</b>  <u>Módulo 1: o sentimento do belo / do disforme / do sublime</u>  Quando o contemplador julga a arte a partir de suas próprias sensações:  HUME, <i>A arte de escrever ensaio</i> (ensaio: “O Cético”)  <u>Módulo 2: o padrão do gosto (beleza/deformidade a posteriori)</u>  Quando, numa certa extensão geográfica e ao longo de um certo tempo, há consenso entre vários contempladores cujos sentimentos individuais se acordam:  HUME, <i>A arte de escrever ensaio</i> (ensaio: “O padrão do gosto”)</p> <p><b>Segunda Parte: o artista e o objeto de arte</b>  <u>Modulo 3: o fazer do artista</u>  As razões que explicam a prática de um artista:  DIDEROT, <i>Enciclopédia</i> (verbetes: “Metafísica”)  DIDEROT, <i>Ensaio sobre a pintura</i> (caps. 1-3)  <u>Modulo 4: o que é a obra de arte?</u>  A distinção da obra de arte de um mero artefato:  DANTO, <i>O que é a arte?</i> (cap. 1)</p>
<b>AValiação</b>	<p><b>CATEGORIA III</b>  Participação nas atividades extensionistas e seminários.</p>
<b>BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL</b>	<p>DANTO, Arthur. <i>O que é a arte</i> (cap. 1), trad. Rachel Cecília de Oliveira e Debora Pazetto. Belo Horizonte: Relicário, 2020.</p> <p>DIDEROT, Denis. “Ensaio sobre a pintura (caps. 1-3)”. In: <i>Obras II (estética, poética e contos)</i>, trad. e org. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.</p> <p>_____. “Metafísica”, trad. Pedro Paulo Pimenta. In: Diderot e d’Alembert. <i>Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios</i>, org. Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, vol. 2.</p> <p>HUME, David. “O Cético”; “O Padrão do gosto”. In: <i>A arte de escrever ensaio: e outros ensaios (morais, políticos e literários)</i>, sel. Pedro Pimenta, trad. Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2011.</p>
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	<p>BRUNET, Oliver. <i>Philosophie et esthetique chez David Hume</i>. Paris: Nizet, 1965.</p> <p>BURKE, Edmund. <i>Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo</i>. Campinas: Unicamp/Papirus, 1993.</p> <p>DANTO, Arthur. “O mundo da arte”, trad. Rodrigo Duarte, <i>Artefilosofia</i>, n. 1, 2006.</p> <p>DIDEROT. “Arte”, trad. Pedro Paulo Pimenta. In: Diderot e d’Alembert. <i>Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios</i>, org. Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, v. 2.</p> <p>_____. “Belo”, trad. Maria das Graças de Souza. In: Diderot e d’Alembert. <i>Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios</i>, org. Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, v. 5.</p> <p>FALLEIROS, Flávia. “Estética, crítica, Iluminismo, arte moderna”. In: Denis Diderot. <i>O Passeio Vernet</i>. São Paulo: Editacuja, 2021.</p> <p>FERREIRA, Debora Pazetto. <i>Investigações acerca do conceito de arte</i>. Tese (doutorado).</p>

Orientador: Rodrigo Antônio de Paiva Duarte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

\_\_\_\_\_. “Arthur Danto e a representação como limite da arte”, *ArteFilosofia*, n. 17, 2014.

GALE, Pedro Fernandes. “A estética e suas fronteiras na Ilustração”, *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. 12, n. 23, 2018.

HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*, trad. Déborah Danowski. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. “Da tragédia”. In: *A arte de escrever ensaio: e outros ensaios (morais, políticos e literários)*, trad. Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dissertação sobre as paixões*, trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2021.

LIMONGI, Maria Isabel. “O fato e a norma do gosto: Hume contra um certo ceticismo”, *Analytica*, v. 10, n. 2, 2006.

MATTOS, Franklin de. “A cadeia e a guirlanda (Diderot e a arte de seu tempo)”; “Diderot como crítico de arte”. In: *O filósofo e o comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NASCIMENTO, Charliston Pablo do. “O problema da interpretação das obras de arte no pensamento de Arthur Danto”, *DoisPontos*, v. 15, n. 2, 2018.

NASCIMENTO, Luís Fernandes dos Santos. “Um discípulo indisciplinado: Diderot leitor de Shaftesbury”, *Discurso*, n. 41, 2011.

\_\_\_\_\_. “A terceira Crítica e o gosto dos britânicos”, *Studia Kantiana*, v. 20, n. 1, 2022.

PIMENTA, Pedro Paulo. *A imaginação crítica: Hume no século das Luzes*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

\_\_\_\_\_. “Uma nova concepção de filosofia”. In: Diderot e d’Alembert. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*, org. Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, v. 2.

\_\_\_\_\_. “O destino da Metafísica na *Enciclopédia*”. In: Diderot e d’Alembert. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*, org. Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2017, v. 6.

PLATÃO. *A república*, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. *A república [ou Sobre a justiça, diálogo político]*, trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OLIVEIRA, Rachel Cecília. *Três questões sobre a arte contemporânea*. Tese (doutorado). Orientador: Rodrigo Antônio de Paiva Duarte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

\_\_\_\_\_; PAZETTO, Debora. “Apresentação: ‘... não se segue que tudo é arte’”. In: Arthur Danto. *O que é a arte*, trad. Rachel Cecília de Oliveira e Debora Pazetto. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

SOUZA, Maria das Graças de. *Natureza e ilustração: sobre o materialismo de Diderot*. São Paulo: UNESP, 2002.

SUZUKI, Márcio. “Posfácio: O ensaio e a arte de conversar”. In: David Hume. *A arte de escrever ensaio: e outros ensaios (morais, políticos e literários)*, trad. Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. *A forma e o sentimento do mundo: jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVIII*. São Paulo: Ed. 34, 2014.

THÉRIAULT, Méliissa. *Arthur Danto ou L’art en boîte*. Paris: l’Harmattan, 2010.